



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

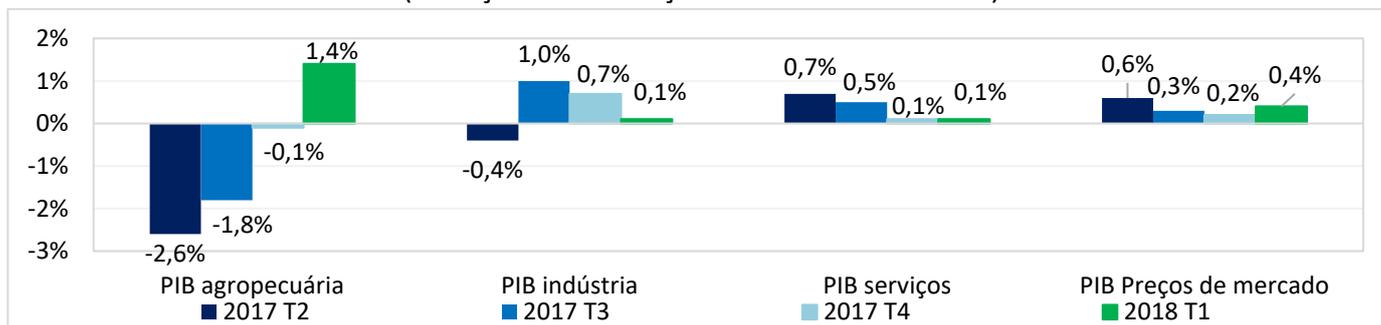
Com perda de força da indústria e do investimento, economia brasileira cresce ainda em ritmo moderado

De acordo com os dados das Contas Nacionais do IBGE, a economia brasileira cresceu 0,4% no primeiro trimestre de 2018, na comparação com o último trimestre de 2017, na série com ajuste sazonal. Esse resultado totaliza cinco trimestres consecutivos de crescimento positivo. O PIB do primeiro trimestre deste ano alcançou R\$ 1.641,1 bilhões. O destaque foi a agropecuária,

com crescimento de 1,4%. A indústria e o setor de serviços tiveram uma expansão de 0,1%.

O resultado positivo do PIB da indústria foi puxado pelos segmentos de *eletricidade, gás, água esgoto e limpeza urbana* (2,1%) e *extrativa mineral* (0,6%). Já os segmentos da *indústria de transformação* e de *construção*, na variação trimestral, recuaram 0,4% e 0,6%, respectivamente.

Figura 1 – PIB Trimestral do Brasil: total: agropecuária, indústria e serviços
(Variação % em relação ao trimestre anterior)

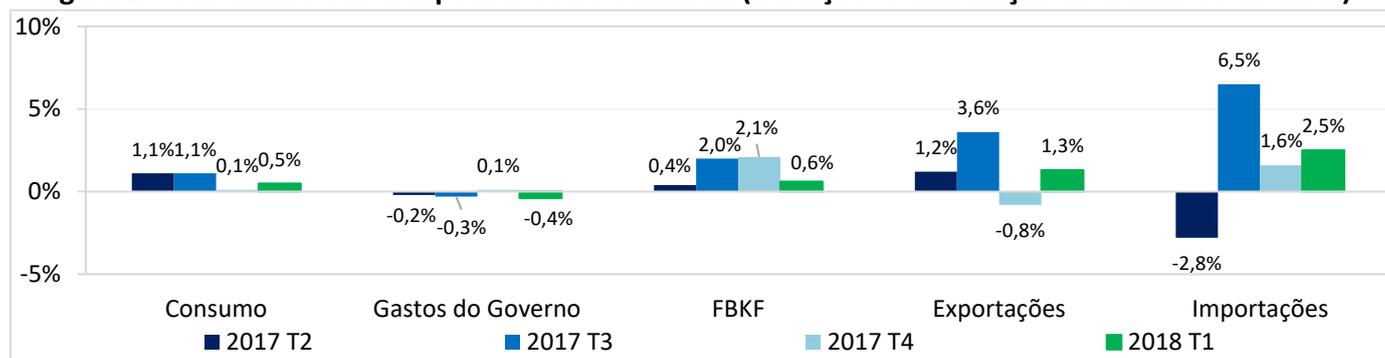


Fonte: SIDRA / IBGE (Contas Nacionais Trimestrais)

Pela ótica da demanda, o Consumo das Famílias registrou, no primeiro trimestre de 2018, um crescimento de 0,5%. Os investimentos também continuaram expandindo, mas perderam

força e, após dois trimestres com crescimento acima de 2%. Os gastos do Governo recuaram 0,4%.

Figura 2 – PIB Trimestral: componentes da demanda (Variação % em relação ao trimestre anterior)



Fonte: SIDRA/IBGE (Contas Nacionais Trimestrais).



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

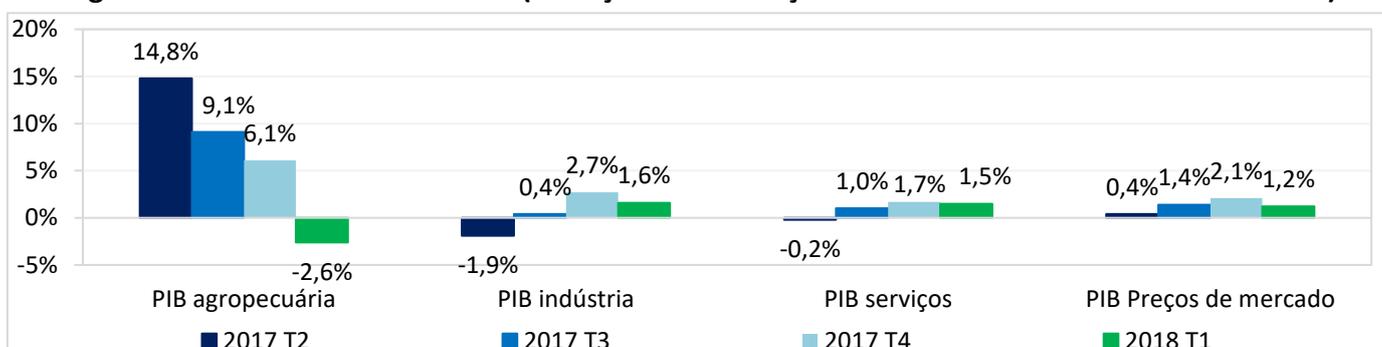
Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, o crescimento do PIB foi de 1,2%, como observado na Figura 3. A indústria teve crescimento de 1,6%, puxado pela indústria de *Transformação* (4%), com destaque para a produção de bebidas, móveis, máquinas, equipamentos, papel e celulose, metalurgia, veículos e equi-

pamentos de informática. Os segmentos da construção e indústria extrativa mineral recuaram 2,2% e 1,9%, respectivamente.

Na mesma base de comparação, o PIB do setor de serviços avançou 1,5%, destacando-se o avanço do *comércio atacadista e varejista* (4,5%). Já a agropecuária registrou uma queda de 2,6%.

Figura 3 – PIB Trimestral do Brasil (Variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior)

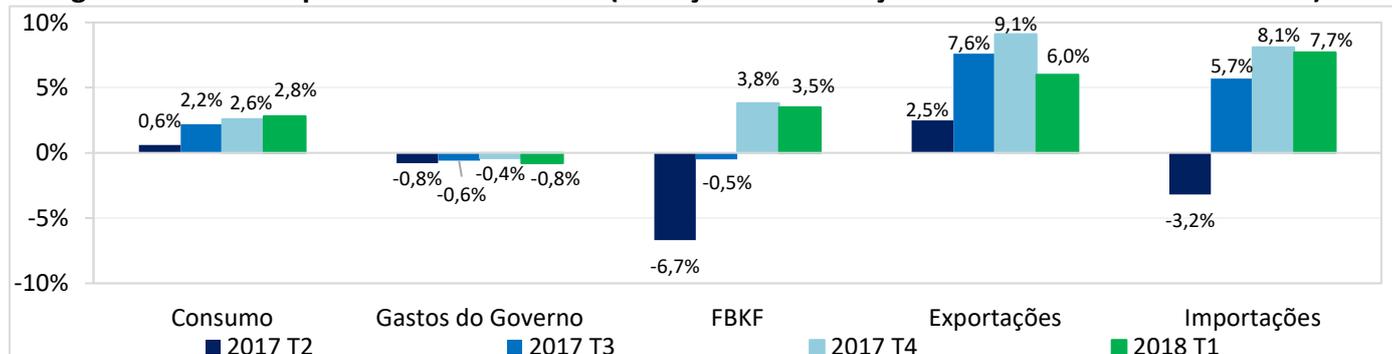


Fonte: SIDRA / IBGE (Contas Nacionais Trimestrais).

Pela ótica da demanda, com exceção dos gastos do governo, todos os demais componentes apresentaram crescimento positivo. A maior contribuição veio das exportações (6%), com destaque para as vendas externas de bens de transporte, veículos, máquinas e equipamentos, papel e celulose e minerais não metálicos. Ainda no setor externo, as importações avançaram 7,7%.

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) manteve pelo segundo trimestre, o ritmo de crescimento positivo, após quatorze trimestres em queda. No primeiro trimestre de 2018, os investimentos tiveram expansão de 3,5% na comparação com o mesmo trimestre de 2017.

Figura 4 – PIB: componentes da demanda (Variação % em relação ao mesmo trimestre de 2017)



Fonte: SIDRA/IBGE (Contas Nacionais Trimestrais).



Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

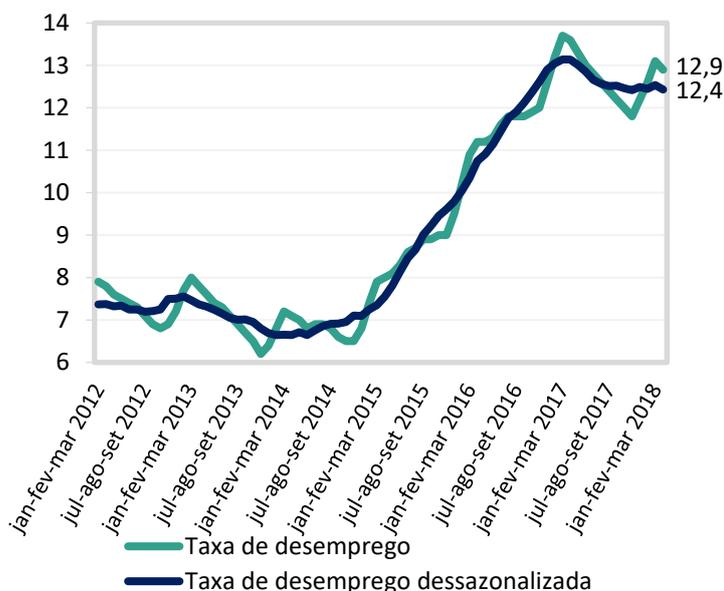
Taxa de desemprego cai, mas situação no mercado de trabalho ainda é ruim.

A taxa de desemprego atingiu 12,9% no trimestre móvel iniciado em fevereiro e encerrado em abril, conforme mostra a Figura 5. Em relação ao mesmo trimestre móvel do ano anterior, registrou-se uma queda de 0,7 ponto percentual.

Quando dessazonalizada, a taxa de desocupação foi de 12,4%, mantendo-se praticamente

estável em relação ao trimestre móvel encerrado em março e 0,7 p. p. inferior ao mesmo trimestre móvel de 2017. A população desocupada atingiu a marca de 13,4 milhões. A taxa de ocupação teve variação positiva de 1,7% em relação ao mesmo trimestre móvel de 2017, como mostra a Figura 6, atingindo 90,7 milhões de pessoas ocupadas.

Figura 5 – Taxa de Desocupação (%)

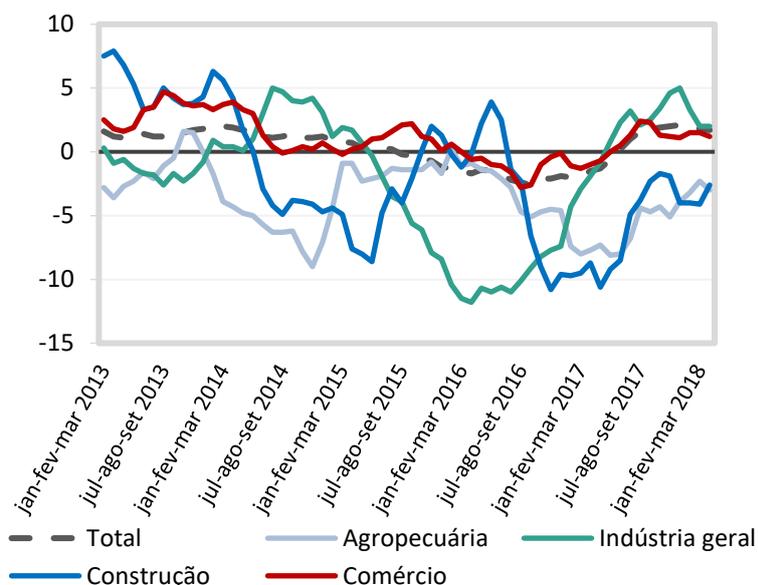


Fonte: PNADC/IBGE.

Nota: A Taxa de Desemprego foi dessazonalizada, utilizando o método de Ajuste Sazonal realizado no Eviews 8

Figura 6 – Taxa de Ocupação

(Var. % em relação ao trim. móvel do ano anterior)



Utilização da capacidade instalada e índices de confiança: menor fôlego econômico

A Figura 7 traz dados do nível da utilização da capacidade instalada da indústria, serviços e construção civil, enquanto a Figura 8 mostra os índices de confiança do consumidor, indústria, serviços, comércio e construção civil.

Na indústria, o nível utilização da capacidade instalada manteve-se estável, após três altas consecutivas, atingindo o patamar de 76,5% - o

maior desde Maio/2015. O índice de confiança desse setor também se manteve, relativamente, estável, atingindo 101,1 pontos.

No setor de Serviços, a utilização da capacidade instalada caiu 0,5 ponto percentual. O índice de confiança do setor totalizou a terceira queda consecutiva, alcançando, pela primeira vez no ano, valor inferior aos 90 pontos.



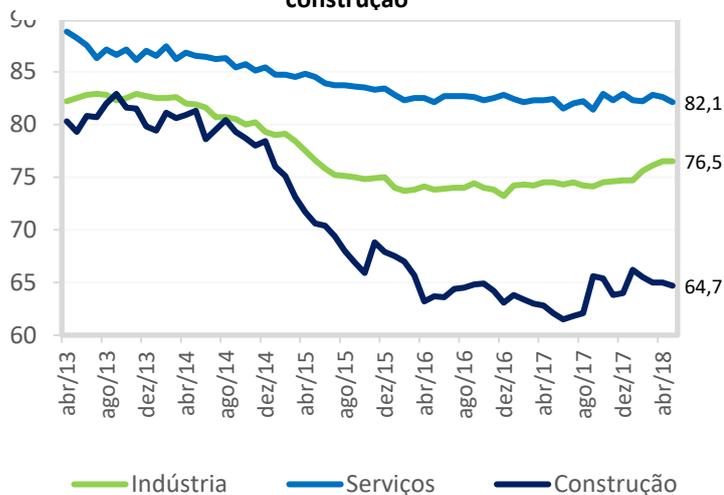
Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

Para a Construção Civil, a capacidade instalada atingiu 64,7%. A melhora nas perspectivas de curto prazo contribuiu para o avanço de 0,4 p. p. na confiança do setor que alcançou, em Maio/2018, 82,4 pontos.

Figura 7 – Índices de Confiança: indústria, serviços e construção

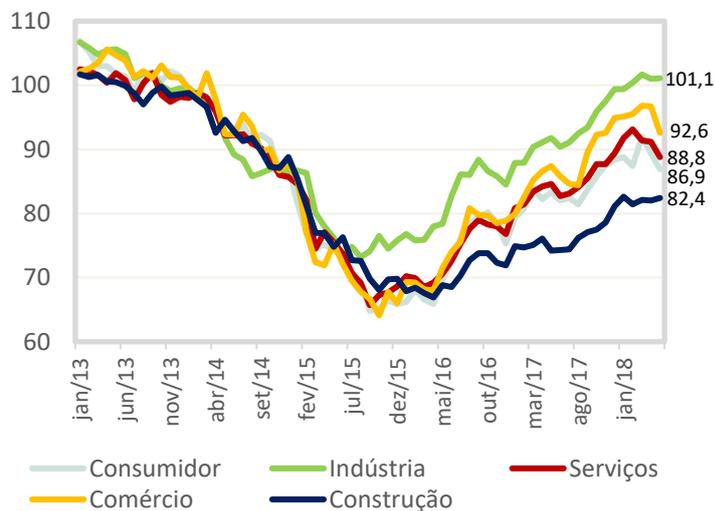


Fonte: IBRE/FGV. Período: Abr./13 a Maio/18

O Índice de Confiança do Consumidor atingiu 86,9 pontos em Maio/2018, menor valor em

2018. Conforme a Sondagem do Consumidor, divulgada pelo IBRE da FGV, um dos determinantes é a deterioração das expectativas em relação ao mercado de trabalho. O índice de confiança registrado do comércio também recuou em Maio/2018, refletindo a percepção do setor de um menor ritmo no crescimento das vendas.

Figura 8 – Índices de Confiança: Consumidor, Comércio, Indústria, Construção e Serviços

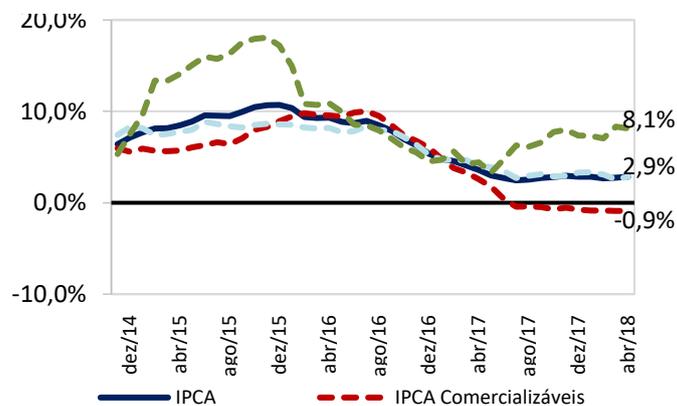


Fonte: IBRE/FGV. Período: Abr./13 a Maio/18

IPCA acelera em maio, já capturando alguns efeitos da greve.

A Figura 9 mostra a trajetória da inflação acumulada em 12 meses. Atualmente, o IPCA geral se encontra em 2,86%. Os preços monitorados atingiram uma taxa acumulada de 8,15% em Maio/2018. Os preços dos combustíveis continuaram pressionando a inflação. O aumento, acumulado em 12 meses, foi de 19,59%, com destaque para a gasolina (21,48%). O diesel também teve forte elevação (19,78%), enquanto para o etanol, a alta foi de 12,18%. Na variação mensal, o IPCA registrou alta de 0,4%, avançando em relação ao resultado de 0,22% obtido em abril. No ano, a inflação acumula alta de 1,33%.

Figura 9 – IPCA geral, comercializáveis, não comercializáveis e monitorados (Variação % acumulada em 12 meses)



Fonte: Banco Central e IBGE. Período: Dez./14 a Maio/18.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Armando Henrique

Ainda sobre os preços, a Tabela 1 mostra os resultados do IPCA para os meses de Abril e Maio de 2018 para os nove principais grupos de produtos e serviços que compõem o índice. Dentre estes, na variação mensal, houve queda de preços, apenas, para o grupo artigos de residência (-0,06%). Os maiores aumentos registrados, no mês de Maio de 2018, foram para os grupos habitação (0,83%), puxado pela energia elétrica (3,53%); vestuário (0,58%) e saúde e cuidados pessoais (0,57%).

Para o grupo “alimentação e bebidas” houve alta de 0,32% em Maio na comparação com Abril. Esse resultado já reflete, em parte, alguns efeitos da greve recente dos caminhoneiros. Dentre os alimentos com maiores altas de preços, destacaram-se a cebola (32,36%), batata-inglesa (saiu de uma deflação em abril para aumento de 17,51% em maio), hortaliças (4,15%) e o leite longa vida (2,65%), itens cuja oferta foi altamente afetada pela paralisação.

Na variação acumulada em 12 meses, os grupos com as maiores altas foram “transporte”

(6,54%); “saúde e cuidados pessoais” (5,72%) e “educação” (5,17%). “Alimentação e bebidas” e “artigos de residência” apresentaram deflação de 1,46% e 0,37%, respectivamente.

Tabela 1 – IPCA por grupamentos (Variação %, acum. 12 meses e acum. no ano)

Grupo	Variação (%)		Variação acum. 12 meses		Variação acum. no ano	
	Abril	Maio	Abril	Maio	Abril	Maio
Índice geral	0,22	0,40	2,76	2,86	0,92	1,33
Alimentação e bebidas	0,09	0,32	-2,11	-1,46	0,57	0,89
Habitação	0,17	0,83	5,46	4,11	-0,28	0,55
Artigos de residência	0,22	-0,06	-0,54	-0,37	0,46	0,40
Vestuário	0,62	0,58	2,59	2,18	-0,41	0,16
Transportes	0,00	0,40	5,67	6,54	1,59	1,99
Comunicação	-0,07	0,16	0,30	0,37	-0,24	-0,09
Saúde e cuidados pessoais	0,91	0,57	5,78	5,72	2,21	2,79
Despesas pessoais	0,12	0,11	3,54	3,42	0,56	0,67
Educação	0,08	0,06	5,20	5,17	4,49	4,56

Fonte: Banco Central. Período: Dez./14 a Maio/18. e SIDRA/IBGE

Conclusões

A economia brasileira vem apresentando uma trajetória de crescimento gradual, mas modesto. Os dados da atividade econômica no primeiro trimestre deste ano estão muito distantes de um bom desempenho. Embora tenha ocorrido expansão da demanda e oferta, nota-se uma dificuldade de sustentação do ritmo da atividade na indústria e de impulso para avanço dos investimentos. Os índices de confiança não têm mostrado consistência e os últimos dados mostram recuos na maioria deles.

Embora os impactos mais fortes sejam sentidos neste e nos próximos meses, o cenário conturbado recente, desencadeado pela greve

dos caminhoneiros, já vem sendo captado em alguns resultados. A aceleração da taxa de inflação de maio já contabiliza efeitos sobre os preços de alguns alimentos.

Além disso, a paralisação de diversas atividades produtivas e as medidas adotadas pelo governo terão efeitos mais duradouros ao reduzir a confiança do consumidor, dos empresários e ao afetarem as contas públicas.

A incerteza quanto ao cenário externo também é uma questão preocupante para a estabilização da atividade interna.